

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE GRAJAÚ
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/GEOGRAFIA

GEICIANE DA SILVA JACOS

**O PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM GRAJAÚ-MA: BREVE HISTÓRICO DA
FORMAÇÃO E DESAFIOS NA PRÁTICA DOCENTE**

GRAJAÚ-MA

2016

GEICIANE DA SILVA JACOS

**O PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM GRAJAÚ-MA: BREVE HISTÓRICO DA
FORMAÇÃO E DESAFIOS NA PRÁTICA DOCENTE**

Monografia apresentada ao curso de Graduação de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção grau de licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Ramon Luis de Santana Alcântara.

GRAJAÚ-MA

2016

DA SILVA JACOS, GEICIANE.

O PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM GRAJAÚ-MA: BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO E DESAFIOS NA PRÁTICA DOCENTE / GEICIANE DA SILVA JACOS. - 2016.

42 P.

ORIENTADOR(A): RAMON LUIS DE SANTANA ALCÂNTARA.
MONOGRAFIA (GRADUAÇÃO) - CURSO DE CIÊNCIAS HUMANAS - GEOGRAFIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, GRAJAÚ, 2016.

1. ENSINO DE GEOGRAFIA. 2. FORMAÇÃO. 3. PROFESSORES.
I. DE SANTANA ALCÂNTARA, RAMON LUIS. II. TÍTULO.

APROVADA EM 05/04/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ramon Luis de Santana Alcântara (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Me. Luciano Rocha de Penha
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Me. Patrícia Costa Ataíde
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus por ser minha fortaleza e meu refúgio e ter me dado forças e ânimo para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos meus pais que tanto me apoiaram sempre com alegria, me incentivaram a continuar nesta jornada. Aos meus irmãos que sempre estiveram ao meu lado torcendo pelo meu sucesso.

Agradeço ao meu irmão Wilson Douglas, meu amigo, meu companheiro, não importava se era alegria ou tristeza, sempre estive ao meu lado para dizer, não desista, você consegue! Serei eternamente grata pela sua vida.

Agradeço, a minha grande amiga Elzeni que mesmo com as dificuldades sempre estivemos juntas nesta luta, principalmente quando nossa querida e eterna amiga foi tirada por Deus do nosso meio. Quero agradecê-la por ter me dado sua mão amiga no momento que mais precisei.

Agradeço também ao professor Marcos Nicolau, apesar dos contra tempos, este querido professor me ajudou, tirou um pouco do seu tempo para me ajudar em minha pesquisa, que Deus possa recompensar o bem que me fez.

Agradeço ao meu querido professor e orientador Ramon Alcântara, que bondosamente se colocou a disposição para me ajudar, confesso que sua ajuda mudou minha vida, serei eternamente grata, por tudo que fez por mim, cada palavra de ânimo que me deste me fizeram renovar e continuar lutando, nunca esquecerei nenhuma delas. Obrigada Professor!

Enfim quero agradecer a todos que me ajudaram de forma direta ou indiretamente, durante todo meu curso, e que hoje regozijam comigo este momento ímpar da minha vida.

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo mapear, de maneira introdutória, a profissão do professor de Geografia no município de Grajaú, Maranhão. Para isso ela faz uso de dois momentos. No primeiro, apresenta brevemente duas histórias acerca dos cursos de Geografia implementados em Grajaú, pelo PROCAD/UEMA e pela UFMA. Neste momento, faz-se o uso metodológico da história oral, a partir do relato de dois professores formados nesses cursos, no qual eles relatam suas experiências, apontando os benefícios de serem formados em Geografia por estas instituições, como também as dificuldades no processo de formação e entrada no mercado de trabalho. No segundo momento desta monografia, são destacados alguns pontos cruciais no processo da prática pedagógica do professor de Geografia que atua na rede municipal em Grajaú. Aqui são entrevistados quatro professores: um formado na primeira turma de Geografia que ocorreu na cidade pelo PROCAD/UEMA; outro formado na primeira turma de Ciências Humanas/Geografia pela UFMA; mais um que está em processo de formação também pelo curso de Ciências Humanas/Geografia pela UFMA; e por fim, um professor que atua na rede ministrando aulas de Geografia, mas com formação em outra área. Para este momento, utilizou-se metodologicamente as entrevistas semiestruturadas. Para a análise das falas, nos dois momentos da monografia, foi utilizada a análise de discurso. Este trabalho apresenta como resultados, um breve registro da história de formação do professor de Geografia no município, como também apresenta como está se dando a jornada destes professores atualmente, destacando as adversidades do ensino de Geografia na rede municipal. Os professores que fazem parte desta monografia colocam em pauta algumas de suas dificuldades históricas e suas perspectivas de melhora acerca do ensino de Geografia em Grajaú.

Palavras chaves: Professores; Formação; Ensino de Geografia.

ABSTRACT

This paper aims to map, in an introductory way, the profession of geography teacher in the municipality of Grajaú, Maranhão. For this it makes use of two times. In the first, briefly presents two stories about the geography courses implemented in Grajaú at PROCAD/UEMA and the UFMA. At this point, it is the methodological use of oral history, from the report of two teachers trained in these courses, in which they report their experiences, pointing out the benefits of being trained in Geography by these institutions, as well as the difficulties in the process of training and entry into the labor market. In the second phase of this monograph highlights some crucial points in the process of teaching practice geography teacher who works in the municipal network Grajaú. Here are interviewed four teachers: one formed in the first class of geography that occurred in the city by PROCAD/UEMA; another formed in the first class of Humanities/Geography from UFMA; another that is in process of formation also the course of Humanities/Geography from UFMA; and finally, a teacher engaged in teaching network Geography lessons, but with training in another area. For this moment, we used methodologically the semi-structured interviews. For the analysis of the speeches, the two moments of the monograph was used discourse analysis. This paper presents results as a brief record of the history of formation of geography teacher in the city, as well as features is taking the journey of these teachers currently highlighting the adversities of the teaching of geography in public schools. Teachers who are part of this monograph put some on the agenda of its historic difficulties and their improved prospects about geography in Grajaú education.

Keywords: Teachers; Formation; Geography Teaching.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NO BRASIL	11
2.1 Saberes necessários a um bom professor de Geografia	15
3. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM GRAJAÚ: DOIS MOMENTOS HISTÓRICOS	21
3.1 O curso de Geografia do Programa de Capacitação de Docentes da UEMA	21
3.2 O curso de Ciências Humanas/Geografia da UFMA	24
4. O PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM GRAJAÚ	30
4.1 A opção pelo curso de Geografia	30
4.2 A atuação do professor de Geografia em Grajaú	32
4.3 Perfil do professor de Geografia	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia parte de um problema social quanto a profissão do professor de Geografia. Em Grajaú existe uma prática comum realizada pelo poder público municipal, em colocar os professores para lecionar a disciplina na educação básica não condizente a sua área de formação. Isso ocorre também com os professores que ministram Geografia.

Este trabalho teve como objetivo, mapear a partir de percepções de alguns professores da rede pública de Grajaú, o exercício profissional do professor de Geografia que atua no ensino fundamental, comparando os professores que são formados na disciplina que atuam com os que não possuem habilitação específica, bem como as dificuldades e os desafios que eles possuem para ensinar Geografia. Identificando os principais motivos que levam o professor a aceitar o desafio de desenvolver uma disciplina que não corresponde à sua formação, como também, observar através de seus relatos e experiências vividas dentro da sala de aula, se há uma dinamicidade no processo de ensino-aprendizagem entre o professor e o aluno em uma aula de Geografia, independente de sua formação.

A profissão docente, desde tempos mais remotos, é marcada por suas dificuldades, em contrapartida ao desejo do profissional exercer a docência como uma atividade de valor social. A Educação é um campo problemático, onde diversas questões são pautadas visando sua melhoria. Diante disso, foi importante a realização dessa pesquisa porque em no município de Grajaú percebe-se a contínua contratação de professores em determinadas disciplinas que não correspondem à área de formação. Esse é um dos fatores que influenciam na sociedade causando uma desestruturação de uma boa educação.

Pode-se detectar esta problemática em algumas escolas da cidade de Grajaú-MA, no qual é comum encontrar professores formados em Matemática, História, Português entre outras, ministrando, ou seja, trabalhando com a disciplina de Geografia, cumprindo assim uma carga horária, da qual lhe foi imposta. No entanto não se deve deixar passar as qualidades de um professor, pois são aspectos relevantes que não devem ser erradicados ou esquecidos, mas devem ser reavaliados para se obter uma valorização do mesmo. Entretanto, precisa também urgentemente avaliar como está sendo sua atuação no ambiente escolar e como está sendo formados os cidadãos regidos por eles. Pois sem uma preparação adequada ou sem qualificação na área exercida, pode influenciar no desenvolvimento cognitivo do educando, pois atualmente o desafio proposto ao professor de Geografia do ensino básico é o de incorporar no processo de ensino-aprendizagem as inovações vividas pela ciência geográfica nos últimos anos.

Para desenvolver a pesquisa primeiramente se fez um estudo aprofundado acerca desta problemática fazendo uso de teorias. Em seguida foi necessário um contato direto com os docentes de algumas escolas de Grajaú, sendo no total quatro professores: uma professora formada na primeira turma do curso de Geografia, em que foi ofertado pelo Programa de Capacitação de Docentes da Universidade Estadual do Maranhão (PROCAD/UEMA) em 2001, e outra professora formada em História, mas que leciona Geografia, como também um professor recém formado em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) na primeira turma no ano de 2010 e outro ainda discente na UFMA, mas que já exerce seu papel como professor na rede pública de ensino e se forma no ano de 2016. Esta pesquisa foi realizada através de entrevistas e do método da história oral. Este momento de diálogo com os sujeitos foi de grande valia, pois além de conhecer através de seus relatos as histórias dos cursos do PROCAD/UEMA e da UFMA, percebi quão grande desafio é trabalhar nesta área em nossa cidade. A partir dessa pesquisa conheci alguns fatores que estão interligados de forma direta dentro deste processo de ensino, especificamente na disciplina de Geografia.

Esta monografia foi organizada em quatro capítulos, o primeiro capítulo, esta introdução, mostra primeiramente o desejo da pesquisa, o que nos levou a pesquisar, quais as justificativas que tenho para com esta inquietação sobre o assunto destacado. No segundo capítulo, tem-se uma pequena retrospectiva da história da formação do professor, especificamente voltado para a formação do professor de Geografia, em seguida, é destacada também sobre o saber docente e a importância do mesmo para o processo de ensino-aprendizagem. Já no terceiro capítulo ver-se dois momentos cruciais acerca da história oral contada por dois professores que participaram e se formaram nas primeiras turmas dos cursos de Geografia em Grajaú, um curso ofertado pelo PROCAD/UEMA e outro pela UFMA.

No quarto capítulo, está sendo destacada a opção que os professores tiveram para formar em Geografia, quais os principais motivos que lhes convenceram a optar por esta profissão, principalmente nesta área. Segue enfatizando sobre suas atuações enquanto professor, levando em consideração os fatores que estão intimamente ligados a ser um bom professor de Geografia, o que lhes impedem de fazer um bom trabalho, e o que precisa melhorar dentro da educação em Grajaú. Por fim é destacado o perfil do professor através das falas dos sujeitos e é possível observar as posições acerca disto, se realmente há um perfil ideal, ou não é necessário um perfil para trabalhar determinada disciplina.

2. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NO BRASIL

Ao fazer uma retrospectiva da história da educação brasileira e ao focar na formação do professor, notei a falta de êxito durante anos, pois apesar de ser uma questão central e crucial no contexto da educação brasileira e também por ser uma relevante profissão, não tem sido contemplada como uma formação prestigiada.

A formação de professores é um assunto antigo, mas ao mesmo tempo atual. Segundo algumas pesquisas ainda há bastante necessidade de mais investigação na área, bem como outros fatores educacionais, ou seja, a busca por políticas educacionais e de práticas consistentes para que venha amenizar os problemas dos dias de hoje. Vale ressaltar que a preocupação em analisar o processo de formação do professor de geografia constitui uma questão ampla e complexa, indicando que este é um dos grandes desafios a serem enfrentados para o aperfeiçoamento da educação básica (MARTINS, 2011).

No Brasil, a preocupação com a formação docente não é recente, no entanto, a formação para cursos específicos em cada área foi inaugurada no país somente no final do século XIX, sendo instituídas com as Escolas Normais, as quais eram destinadas à formação de docentes apenas para as primeiras letras. Contudo, deve-se lembrar, que nesta época a oferta de escolarização era bem escassa em nosso país e eram poucos que alcançavam esta oportunidade.

Com isso, ficou entendido que, acontecendo um preparo destes professores consequentemente, haveria uma organização curricular, uma vez que teriam preparação com conteúdos científicos e didático-pedagógicos e, assim, a garantia de professores bem formados. Daí a Escola Normal cresceu no país, embora, este padrão tenha se enfraquecido após a primeira década, mas mesmo assim acabou prevalecendo a preocupação com o domínio dos conteúdos que posteriormente seriam ministrados.

No contexto histórico da educação se pode observar que as primeiras décadas do século XX foram caracterizadas pelas ideias liberais. A partir dessas ideias modernas acerca da educação, foi criado em 1924 a Associação Brasileira de Educação (ABE), a qual foi responsável pela I Conferência Nacional de Educação, evento este promovido anualmente. Esta associação tinha por objetivo congregar todas as pessoas de várias tendências.

A partir da preocupação de formar professores para o secundário, ainda no século XIX, surgiram os anos finais do Ensino Fundamental e Médio, como são conhecidos nos dias atuais, tanto em cursos regulares quanto específicos. Em virtude disso houve a necessidade de criar uma Universidade para que houvesse a formação do profissional docente. Até então, a

profissão era exercida somente por liberais e autodidatas. Nesse interim, o número de escolas secundárias era ainda reduzido, como também a quantidade de alunos. Com a intensificação da industrialização no país foi que houve uma necessidade maior de escolarização, bem como a expansão do ensino. Surgiu-se assim, uma grande demanda por professores e esta demanda surgiu como uma consequência natural. Nesse contexto, podemos observar a emergência da formação docente no Brasil, assim como do professor de Geografia.

A história da Geografia enquanto disciplina, está presente no Brasil desde o século XIX, sendo, a partir da década de 1930, institucionalizada na Universidade. Ao ser criada a Universidade em São Paulo, aproximadamente em 1934, as primeiras aulas de Geografia foram ministradas no curso de História e Geografia, quando nesta época, estas disciplinas tinham uma única formação em nível de graduação (MARTINS, 2011).

Segundo Martins (2011) a primeira corrente teórica a se consolidar no Brasil foi a francesa, sob a influência de Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig, na qual foram professores de instituições recém-criadas de Ensino Superior, e ao estarem atuando aqui no país, desenvolveram estudos sobre o território brasileiro.

A criação dos cursos superiores de Geografia contribuiu especialmente para a formação de professores que posteriormente trabalhariam com o ensino secundário, no entanto, os pesquisadores também estavam inclusos, pois eram encarregados das produções de trabalhos científicos, seguindo a linha teórica francesa de Paul Vidal de La Blache, logo os primeiros professores eram originários da França. Visto que os franceses influenciaram os estudos aqui no Brasil, pode-se observar nas décadas de 1930 e 1950 na produção da ciência geográfica a predominância da Geografia clássica, na qual contribuíram para o conhecimento do território brasileiro de forma detalhada.

No entanto, após o término da Segunda Guerra Mundial, houve várias transformações no mundo que provocaram inquietações entre os geógrafos, pois estes procuravam novos métodos capazes de entender as mudanças ocorridas toda sua complexidade que refletia no mundo. A partir daí surgiu renovação da Geografia, com influência de Yves Lacoste, na década de 1970 e essas reformulações causaram até mesmo alterações no ensino de Geografia. Foi uma época de muitos questionamentos, pois as escolas do Brasil passaram por crises. Porquanto era necessário ter uma reforma de ensinar e aprender Geografia, como também ter uma revisão na formação de professores por motivo dos acontecimentos que ocorrera tanto na ciência quanto na sociedade.

Nessa perspectiva a sociedade brasileira na década de 1980, passou por várias transformações como a abertura política, a democratização do Estado e a reorganização da

sociedade, as quais contribuíram de forma significativa. A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96 foi crucial pois alterou todo o sistema educacional do país (MARTINS, 2011).

Além da implantação da LDB, foram criadas outras medidas para melhoria e qualidade da educação no país, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), entre outros, na qual foram instituídas e defendidas, porque já acreditavam que o antigo modelo educacional não dava conta de novas exigências do mundo moderno e dessa sociedade capitalista competitiva.

A princípio, a Geografia com métodos e teorias mais tradicionais, já não era o suficiente para dar conta de uma perspectiva nova de ensino. Pois esta mudança todo este período fez com que o ensino e o trabalho dos professores não fossem mais limitados, mas que pudessem levar os alunos a uma compreensão das relações num contexto e histórico e social e etc.

Todavia é necessária uma formação na área a qual atua, pois é crucial e indispensável na vida de um profissional, como podemos ver nas palavras de Tardif (2002) em que afirma que no plano institucional, a articulação entre ciências e sua prática docente se concretiza através da formação inicial ou continua dos professores. Porquanto, no momento que o docente está incluso no processo de formação entra em contato também com a ciência da educação. No entanto a prática docente não se limita apenas a ciência da educação, mas também a outros saberes.

E nisso a formação tanto inicial como continuada dos professores deve contribuir, para a docência voltada para a realidade atual, levando em consideração seu papel na sociedade enquanto profissional, com práticas baseadas na reflexão, na pesquisa entre outros. Portanto nesta perspectiva Martins (2011, p. 71) afirma que:

A formação de professores de Geografia, como de todas as áreas, tem importância estratégica na busca da melhoria da qualidade do ensino no país, constituindo-se numa das questões centrais das políticas públicas da educação, por ser um elemento fundamental para a transformação da escola, da educação e da sociedade.

Dessa forma é importante a busca da melhoria da educação e da qualidade de ensino, no entanto, é indispensável à abertura de possibilidades de discussão acerca do papel da educação em suas diferentes dimensões, pois isso fará com que o professor construa uma prática com autonomia e acima de tudo com qualidade. Sobretudo o professor tendo este caráter de educador, precisa estar constantemente em busca desta formação continuada, priorizando a crítica e o compromisso com as renovações, pois o educador é o próprio

responsável pelo desenvolvimento que há em si, tanto pessoal quanto profissional, logo não há de maneira nenhuma, programa de formação continuada para quem não tem desejo de se aperfeiçoar e que não tenha força de vontade de crescer.

Anteriormente falei sobre as transformações ocorridas no ensino de Geografia, e em suas respectivas mudanças, e as preocupações tidas com a mesma, destacando também a formação do professor de Geografia, onde houve uma movimentação na renovação do ensino nesta área, marcada por grandes debates científicos. Apesar de ter acontecido tantas reformulações dentro do ensino de Geografia e em relação a formação nesta área, o autor Vensentini (2002), mostra sua inquietação acerca disso e mostra a realidade em nosso país nos dias atuais e presente em nosso cotidiano. Para este professor e autor, a preocupação com formação docente quase não existe, apesar que pregam o contrário, principalmente em relação aos docentes da escola fundamental e médio, até mesmo nas melhores universidades estas preocupações é quase inexistente.

Segundo Vensentini (2002), na época de sua formação aproximadamente na década de 1970, havia uma valorização bastante camuflada na formação destes profissionais. Uma vez que a formação mais privilegiada e mais priorizada era de um especialista, tanto em Geomorfologia, Cartografia e Geografia Agrária, entre outros. No entanto, a carreira de um professor era sempre vista como pessoas incapazes de exercer outra profissão, ou seja, era vista como uma profissão qualquer, embora se sabe que a mesma é uma das mais relevantes da nossa sociedade.

Infelizmente esta ideia negativa só veio a gerar vários estereótipos na imagem da Geografia, Vensentini (2002) acredita que tempos mais remotos como antes de 1967 e 1968, tenha sido diferente do que os dias de hoje, pois foi o período que a ditadura militar fez reformulações no sistema escolar brasileiro, implementando assim uma desvalorização na carreira docente. Professores que ensinavam no ginásio e no colegial, eram remunerados quase da mesma forma que outros profissionais como juízes e etc. Mas nos finais de 1980, já havia decaído e passavam a ser remunerados como outros profissionais sem formação escolar continuada.

Até hoje, esta situação acerca da valorização é um caso a ser repensado, e isso faz com que haja poucas pessoas com o desejo de ter uma formação na área da docência, afinal, o professor no Brasil tem sido constantemente visto como generalista incompetente de acordo com Vensentini (2002).

Contudo este mesmo autor considera que este valor está intimamente ligado a cultura e as prioridades da sociedade. Porquanto houve um período no Brasil a partir de 1927 e 1928,

onde a educação e o professor, não tinha tanta importância, pois, nesse contexto o poderio industrial e militar, ocupavam sua posição de destaque, mas a profissão docente era apenas uma atividade tradicional, na qual era negligenciada.

2.1 Saberes necessários a um bom professor de Geografia

Para entender especificamente quais saberes é necessário para um bom professor de Geografia, é considerável lembrar primeiramente da sua formação dentro da academia. Para isso Silva (2011) expõe suas ideias acerca deste assunto, destaca as principais questões envolvendo o docente e sua profissionalização, mas também relata que há vários motivos que acaba sendo problemas que causam desencantamento desta profissão, como falta de ousadia, baixo estima, entre outros.

Sabe-se que a educação da atualidade aponta a necessidade de que o professor seja capaz de refletir sobre sua prática e direcioná-la segundo a realidade em que atua, voltada aos interesses e às necessidades dos alunos. Porquanto o desenvolvimento profissional corresponde ao curso superior somado ao conhecimento acumulado ao longo da vida. Uma boa graduação é necessária, mas não basta, é essencial atualizar-se sempre, isso remete a necessidade da formação continuada no processo da atuação profissional.

É relevante expor que a questão acerca dos saberes docentes, passou a ser assunto de debates frequentes na comunidade educacional, um dos autores que trabalha com esse tema na qual podemos destacar é Maurice Tardif. No entanto são poucos os estudos na Geografia Brasileira que tratam dos saberes docentes. Apesar que, seja tido como principal referência as bases da ciência nos cursos de formação, Cavalcanti (2012) relata que esses saberes absorvidos dentro do curso, não serão totalmente aplicados em sala de aula, pois há uma cultura mais ampla, na qual é algo que não se limita apenas entre quatro paredes, mas os docentes constroem saberes durante toda sua vida, experiências que servirão, dentro do seu ambiente de trabalho. Nisso Cavalcanti (2012) expõe algumas questões pertinentes na qual se faz necessário considerá-las, como:

[...] Como eles aprendem e com base trabalham? Quais são suas fontes? Para eles, o que é relevante hoje para ensinar Geografia? O que vale a pena ensinar para o dia atual? Como tem enfrentado os desafios de ensinar os conteúdos geográficos para jovens cidadãos de um mundo global, midiático digital? Os que os professores consideram importante? [...] como aproximar saberes provenientes da formação universitária sejam significativos para o trabalho docente? (CAVALCANTI, 2012, p. 93)

Daí a autora considera essas indagações cruciais ao trabalho do professor, pois além de estar presente no cotidiano e durante seu exercício enquanto profissional, pode se levantar elementos no âmbito da reflexão teórica, sobre as diferentes problemáticas a elas associadas, porém, respostas efetivas estão envolvidas na prática, sendo também orientada pelo saber docente.

Nessa perspectiva, Cavalcanti (2012), afirma que esse novo campo de estudo em relação aos saberes docentes, tem ganhado importância somente a partir da década de 1980 e 1990, onde obteve mérito, por considerar que os professores produzem saberes específicos e, além disso, por olhar a sua prática profissional como um lugar onde é produzido saberes docentes, sendo isso uma tendência de valorizar a compreensão de ambas as partes. Em seguida a autora cita Tardif (2002), na qual afirma que os saberes docentes são muitos e de diferentes formas, não sendo saberes como os demais, ao contrário, são conhecimentos formados a partir dos demais, pois são submetidos às certezas construídas na prática e no vivido.

Tardif (2002) destaca que pode até ser banal, mas o professor é antes de tudo alguém que sabe alguma coisa, e tem por função transmitir estes conhecimentos a outros, no entanto, a autora usa da mesma afirmação, um questionamento, acerca dos saberes docente, perguntas estas que parecem indicar a existência de uma relação problemática entre os professores e os saberes. Contudo, nos mostra que a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos, mas que são múltiplos, com saberes oriundos da formação profissional e de saberes profissionais e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

Para se ensinar Geografia nos dias atuais é necessário obter além de saberes oriundo como foi citado anteriormente, como também estratégias, pois estamos em um mundo que a todo o momento passa por grandes transformações, e para o professor é um desafio, selecionar conteúdos para serem abordados em sala, ou seja, como articular a teoria com a prática. Diante disso, sabemos que o professor tem papel importante no cotidiano escolar, especialmente no processo ensino-aprendizagem, para que criem condições suficientes de seus alunos adquirir capacidades para analisar sua própria realidade sob o ponto de vista geográfico.

Diante disso, vemos a necessidade de o professor ter organização em seus saberes para conduzir seu trabalho, onde a formação consistente, contínua, fará com que desenvolva uma aula mais crítica, e venha abrir discussão sobre o papel da Geografia na formação geral do cidadão como em outros aspectos.

Silva (2011) mostra que organizar raciocínios geográficos é saber onde cada coisa está localizada e identificar o significado de tais localizações, ou seja, ter apropriação da capacidade de ler e sistematizar graficamente o mundo. Porquanto o aluno deve ter ferramentas que o ajudem a desenvolver-se cognitivamente, para poder desvendar a geograficidade, através de uma linguagem específica. Silva destaca ainda que:

Como os lugares estão constantemente em transformação, modificando este ou aquele aspecto de suas referências locais, que por sua vez se expressam na paisagem por meios de marcas e outros traços, as leituras destas manifestações são fundamentais. [...] Ensinar geografia é antes de tudo, participar desse processo, possibilitando ao educando a oportunidade de desenvolver pela apropriação de conteúdos um conjunto de habilidades específicas [...] (SILVA, 2011, p. 229)

Porquanto, o professor através de seus conhecimentos adquiridos em sua vida tanto na teoria quanto na prática, tem essa responsabilidade em tornar o aluno capaz de compreender e saber fazer uma leitura das mudanças que ocorrem a todo o momento ao seu redor, mudanças essas que estão presentes em seu cotidiano. Como destaca Cavalcanti:

Na atualidade, a ciência geográfica tem passado por algumas mudanças. A Geografia é um campo do conhecimento científico multidimensional, sempre buscou compreender as relações que se estabelecem entre o homem e a natureza e como essas relações vêm constituindo diferentes espaços ao longo da história. (CAVALCANTI, 2012, p. 90)

Nesta visão da autora podemos observar que o ensino dessa disciplina tem a ver com nossa realidade, pois o que valida a geografia escolar é sua base, ou seja, sua ciência de referência, por este motivo é que a mesma está como obrigatória, pois é crucial na formação de pessoas (CAVALCANTI, 2012).

Sabe-se, porém que os avanços ocorridos na Geografia escolar, principalmente no final dos anos 70, permitiram mudanças na forma de pensar os docentes, no entanto, uma parcela ainda se centrava nas informações estatísticas e descrições que reforçam um ensino mnemônico. E com isso infelizmente há em alguns ambientes escolares, uma Geografia a segundo plano, ocupando lugar menos nobre na grade horária. Afinal o ensino de Geografia é indispensável em um currículo escolar, pois estuda o mundo e suas informações, podendo abranger o espaço que o aluno convive, pois, ao construir os conceitos acerca disto o aluno realmente aprende. O aluno aprende, por exemplo, a entender um mapa, a compreender o relevo, o que é região, nação, município. E ao conhecer, entender, analisar e buscar as explicações para compreender a realidade que está sendo vivenciada no seu próprio cotidiano,

ao extrapolar para outras informações e ao exercitar a crítica sobre essa realidade, ele poderá abstrair esta realidade concreta, teorizar sobre ela e construir o seu conhecimento.

Então certamente, devemos reconhecer a importância desta disciplina, pois se ainda permanece no currículo escolar é porque tem uma contribuição na formação básica dos cidadãos, que é formar pensamento geográfico, ensinar e pensar e a ver as coisas em sua dimensão espacial (CAVALCANTI, 2012).

Nesse aspecto, é possível notar que a aprendizagem é uma construção, onde o sujeito consegue realizar com a ajuda do docente, pois o mesmo tem a função de mediador, no entanto, nota-se que assim como as outras disciplinas, o ensino de Geografia vem sendo discutido e tem sido motivo de debates. Para Tonini (2011), os professores da área afirmam que há uma grande dificuldade em trabalhar a realidade do aluno e seu conhecimento histórico e social. Nessa mesma concepção observa-se a seguinte afirmação de Vieira:

[...] a compreensão da organização espacial da sociedade far-se-á de forma mais concreta à medida que o professor iniciar os estudos desta organização a partir da análise dos elementos presentes na realidade espacial vivida pelo aluno, pois isso faz com que o aluno se envolva mais com os estudos e se encontre como sujeito social ativo dentro de sua realidade, conseguindo realizar generalizações importantes sobre a realidade espacial global (VIEIRA, 2000, p. 26).

Entretanto, os professores acrescentam ainda que falta embasamento teórico como suporte para mediar o conhecimento do aluno e o conhecimento existente que é o conteúdo escolar, em que o professor precisa saber que a sua prática pedagógica deve estar sempre voltada para a realidade do educando, porém as dificuldades que se encontram nesse percurso são muito maiores do que a capacidade de realizar o que a lei e os recursos propõem ou até mesmo impõe.

Todavia Cassab (2009), por sua vez, já destaca que não basta saber geografia para ser professor de geografia, certamente, é fundamental que o professor tenha uma formação que contribua em sua compreensão a respeito do processo de produção dos conhecimentos geográficos. Porquanto o desafio é construir uma reflexão a respeito da especificidade de se ensinar geografia na escola – o que significa entender, entre outras questões que a geografia que o professor trabalha na escola é diferente da geografia que é produzida nos centros de pesquisa e os avanços teóricos e conceituais da geografia. Já Martins (2009) destaca a importância da formação docente, pois cada vez mais, os professores se deparam com desafios e situações que lhes impossibilitam atender as especificidades do seu trabalho. Diante disso exige-se cada vez mais que o professor dê conta de um corpo de conhecimentos e saberes na sua atuação profissional. São conhecimentos que ele precisa mobilizar para

transformar sua ação pedagógica. Martins (2011) mostra ainda que com as dificuldades enfrentadas pelo professor de Geografia

Nesta perspectiva, Rocha (2010) enfatiza em relação ao ensino de Geografia, como também a importância do professor neste processo ensino-aprendizagem, levando em consideração a elaboração dos PCN e como os saberes escolares são organizados a partir deles, que o ensino de Geografia não deve limitar os alunos somente a determinados conhecimentos, como as relações socioculturais e o funcionamento da natureza em que pertencem, mas para, além disso, devem desenvolver sabendo utilizar os conhecimentos geográficos como uma forma singular de se pensar a realidade. Portanto os professores são responsáveis em criar situações para que ocorra um domínio de conceitos, categorias e outros procedimentos que a Geografia constitui suas teorias. Pois para os elaboradores dos PCN, as percepções, as vivências e as memórias dos indivíduos são indispensáveis na construção do saber geográfico.

Como a Geografia tem passado por grandes transformações ao longo do tempo, principalmente a Geografia ensinada nas escolas, o PCN destaca no quarto e quinto ciclo do ensino fundamental que é importante que o professor crie maneiras estratégicas para que ocorra uma aprendizagem e para que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. Isso não significa que os procedimentos tenham um fim em si mesmos como: observar, descrever e comparar servem para construir noções, levantar problemas e compreender as soluções propostas. Enfim, para conhecer e começar a operar os conhecimentos que a Geografia, como ciência, produz.

Mas para que o ensino-aprendizagem tenha resultados satisfatórios é indispensável que o professor possua saberes acerca do assunto e também uma boa formação, para que ao ministrar os conteúdos possa garantir ao aluno a capacidade de perceber a identidade da Geografia como área. Todavia, essa formação deve ser uma condição que promova um desenvolvimento adequado no trabalho do professor, por isso, tanto a formação básica quanto continuada do docente, são de fundamental importância para que os objetivos sejam atingindo, segundo destaca os PCN:

Seu papel deve ser o de um educador que está colocando o seu saber, como especialista, para criar condições para os alunos construírem um conhecimento crítico sobre o mundo. Criar condições para formar cidadãos que saibam trabalhar com o saber geográfico. [...] Do mesmo modo, o professor deverá estimular e intermediar discussões entre os alunos para que possam aprender e complementar seus conhecimentos, elaborar questões, confrontar suas opiniões, ouvir os outros e se posicionar diante do grupo, sobre suas experiências com os lugares. (PCN, 1998, p. 52 e 53)

Portanto é importante que o professor tenha seus saberes consigo, pois os educandos precisarão para que possa através do educador, ver o mundo não como muitos veem, mais sim com o olhar crítico em relação a determinados assuntos, pois somente através do mediador, com suas metodologias e conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, fará com que o aluno reveja as ideias construídas durante sua vida e possa construir opiniões a partir do que é a realidade.

3. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM GRAJAÚ: DOIS MOMENTOS HISTÓRICOS

Há dois momentos cruciais na formação do professor de Geografia em Grajaú: o primeiro momento trata-se da primeira turma do curso de Geografia, que foi ofertado pelo PROCAD/UEMA; e o segundo momento será enfatizado a chegada do curso de Ciências Humanas/Geografia na UFMA. Estes dois momentos serão descritos a partir de uma história oral, descrita pelos professores que fizeram parte destas primeiras turmas de alunos dos respectivos cursos nestas instituições.

3.1 O curso de Geografia do Programa de Capacitação de Docentes da UEMA

O Programa de Capacitação de Docentes (PROCAD) é um curso que passou por várias modificações, passando por três versões - PROCAD Versão I e II e Programa de Qualificação Docente – PQD. Este curso foi criado com objetivo de erradicar o problema de professores leigos no estado, este programa de qualificação foi destinado especialmente para professores da rede pública (TÔRRES, 2010).

Com o devido sucesso reconhecido deste programa, tornou favorável em 1999 para a criação do PROCAD/UEMA versão II. Em comparação a versão I, tiveram algumas mudanças: medidas como redução da carga horária presencial para três anos, permitindo o aproveitamento da prática nos municípios de atuação; foi suspensa a bolsa alimentação e transporte; não foi mais possível manter o Programa nas dependências da UEMA; como houve uma grande demanda e oferta em municípios onde não tinham Campus aos estudantes/professores, como alternativa proposta pela Instituição foram criados os polos descentralizando as ações dos Campi; o estudante/professor passou a pagar mensalidades e foram firmados convênios com Prefeituras e associações de professores criadas para esse fim. Diante disso podemos analisar a fala do SUJEITO I¹ a seguir:

Este primeiro curso de licenciatura em Geografia, veio para Grajaú em uma segunda turma do PROCAD e foi em julho de 2001 que começou, até então se tivesse professor formado em Geografia eu não sei, antes deste curso, as pessoas eram leigas mesmo em Geografia e trabalhavam mesmo só com aquele conhecimento do ensino médio, que era o magistério que tinha até o quarto ano adicional, e ai foi uma turma formada por mais ou menos 30 alunos, tanto alunos daqui de Grajaú como de

¹ Professora de Geografia da rede municipal de Grajaú, formada em Geografia pela primeira turma do PROCAD/UEMA.

outros municípios vizinhos, por exemplo, Itaipava, Arame, Sítio Novo, a seleção destes alunos foi através de uma prova objetiva [...] a turma era formada por mais ou menos 30 alunos, e os professores e a coordenação vinham de Imperatriz, e a maioria dos professores também vieram de lá. Esse curso foi de 2001 a 2004, só nas férias de julho e final de ano. A licenciatura foi Geografia, mas as cadeiras tiveram até de matemática pra gente ter uma ideia, como diz, matemática muita gente acha difícil, mas em geografia precisa deste conhecimento de matemática. Este curso veio através de um político de Grajaú foi o Mercial Lima de Arruda, na época ele era deputado, se não me falha a memória ele era deputado, ele já tinha sido prefeito aqui, ele é filho daqui mesmo e foi ele que trouxe essa formação de professor, curso ofertado pela UEMA. Como não era um curso regular de estar todos os dias na sala de aula, as vezes deixa alguma coisa a desejar, assim o tempo que a gente tem com o professor presencial é pouco e assim é uma das coisas que a gente acha que não é muito positivo e é bem diferente daquele que está direto com o professor, professor vinha ministrava as aulas a gente via de forma rápida os assuntos e ai deixava os trabalhos pra gente tá terminando de fazer, as vezes deixava os seminários agendados para na volta apresentar [...] professores também, eram preparados, alguns não porque a gente sempre sabe que no curso assim onde são tantos professores sempre vai ter aquele que não vai te agradar tanto, você vai já perceber que ele não é tão preparado (SUJEITO I).

Podemos observar que houve bastantes dificuldades para os estudantes da primeira turma do curso de Geografia em Grajaú, ofertado pelo PROCAD/UEMA, curso este que beneficiou a muitos docentes que já trabalhavam na rede pública de ensino, mas para alguns foi possível entrar nesse curso por ser um curso “simples”, onde teriam mais chances de sair formados em algum curso superior, outros por sentir a pressão por parte do sistema, onde todos que trabalhavam lecionando era preciso obter uma formação superior.

Quando o curso começou, aconteceu que muita gente eu acho que viu como uma imposição do sistema, uma cobrança de que o professor tinha mesmo que ter nível superior e eles colocaram até uma data que a partir do ano tal, o professor já vai ter que está com uma licenciatura pra poder está dando aula, está fazendo concurso [...] (SUJEITO I).

Da mesma forma nos mostra Tôres (2010):

Em muitos casos, professores das redes públicas estaduais e municipais foram pressionados por seus gestores e secretários municipais de educação a cursarem o nível superior, através dos cursos de licenciatura plena na Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. Em grande parte desses cursos, eles pagavam mensalidades que, na maioria das vezes, custavam mais que seus salários. Cursavam, mesmo assim, porque eram ameaçados de perder seus empregos se não se ingressassem nos cursos de licenciatura [...] (TÔRES, 2010, p. 25).

Apesar das dificuldades é possível perceber que este sujeito avalia este curso como importante oportunidade e singular em suas vidas naquele período, pois muitos se deslocavam de Grajaú para outras cidades em busca de uma formação. Para ela o curso ofertado, não é como um curso presencial e regular, onde há uma exigência maior, como também, uma presença constante do professor para auxiliar nos momentos necessários, mas

que mesmo com as adversidades durante sua formação, foi proveitoso e crucial para sua vida enquanto docente.

Mas de uma outra forma foi uma chance que a gente teve, pois a gente nunca ia pensar e eu sei que tinha pessoas que nunca pensava de dizer assim: eu vou fazer um curso superior, porque antes disso muitos professores saíram daqui pra fazer em Imperatriz, então alguns já tinham formação porque foram fazer em Imperatriz, tudo nesse mesmo modelo um curso de férias e aí quando chegou aqui a gente gostou porque já ia ser na cidade da gente, menos despesas, mesmo que fosse um curso de férias como a gente sabe que a maioria já era mãe de família e falando em dificuldades por exemplo, muitas mulheres que tiveram filhos durante o curso muitas vezes ia pra aula com o bebê pequeno, eu quando comecei eu estava com 17 dias que tinha tido bebê, então isso foi uma grande dificuldade sair de casa com um bebê assim pequenininho, e outras mais, houve uma senhora lá, parece que teve dois filhos durante o curso, então é uma dificuldade. Diferente de quando você é jovem, mas esse curso foi uma chance muito boa, uma oportunidade, porque professor não tem nem como estudar de outra forma, como em um curso regular de todos os dias está lá, difícil mesmo (SUJEITO I).

Segundo o SUJEITO I, muitos de seus colegas de sala, estão trabalhando na área, outros em áreas distintas, mas que podem ser lecionadas sem problemas, por ser disciplinas semelhantes à Geografia. De acordo com a mesma a disciplina de Geografia não é priorizada como as demais, como por exemplo, Português e Matemática.

As pessoas que se formaram neste curso, eu penso que eles na maioria estão trabalhando com Geografia, pelo menos uma parte da carga horária de onde ele trabalha, sua carga horária na escola uma parte dela seja Geografia, a maioria, porque a secretaria de educação do município vai está priorizando isso aí, a formação do professor pra trabalhar na sua área. No entanto, se sabe que Geografia assim como História também a carga horária é pequena, é só duas aulas por semana, e não é priorizada como as outras disciplinas[...] (SUJEITO I).

Algo importante a destacar é que segundo o SUJEITO I, a secretaria de educação está sempre priorizando o professor formado na área para lecionar disciplinas condizente a sua formação, contudo, é necessário frisar que ainda há professores não formados em Geografia, trabalhando com esta disciplina. Podemos notar essa situação na fala do SUJEITO I, onde destaca que há muitos professores de Geografia no município:

[...] hoje já tem muita gente formados em Geografia, e chega numa escola tem dois ou três, ali umas seis turmas, por exemplo, vão dividir essa Geografia, aí dar quatro turmas pra um, duas turmas pra outro, pra que cada um tá pegando um pouco, porque a gente quer, ah eu quero trabalhar minha disciplina! (SUJEITO I).

Mas de acordo com o SUJEITO IV²:

² Professora formada em História, que leciona Geografia na rede municipal.

[...] aqui na nossa cidade tem essa carência de professor de Geografia, a gente ver que nas outras áreas professores de História, Letras e etc., e Geografia não tem. São poucos professores e poucas escolas que tem professores de Geografia, geralmente ficam completando carga horária [...] (SUJEITO IV).

Dai podemos indagar tal questão, já que a secretaria se preocupa em colocar apenas formados na área para que cada um trabalhe de acordo com sua formação, então porque ainda há professores lecionando Geografia, onde são formados em áreas totalmente contrárias? Porque segundo o SUJEITO I há muitos professores de Geografia? Quando na verdade o curso de licenciatura em Ciências Humanas-Geografia na UFMA veio justamente para atender a necessidade da cidade de Grajaú em relação a essa situação em que também o SUJEITO IV destacou?

Nesta perspectiva notei que há uma divergência nos fatos, onde há duas posições acerca do mesmo assunto, contudo, versões e visões diferentes da outra. Isso nos fez questionar se realmente a disciplina de Geografia está sendo levado a sério no contexto escolar no momento de desenvolvimento dessas aulas, se os professores que trabalham com essa disciplina estão preparados pra fazer a diferença no processo ensino-aprendizado. Pois se há uma carência de professores, possivelmente o ensino terá seus prejuízos, mas se há muitos professores seria visível que as escolas não estariam recebendo professores muitas vezes formados em Matemática para lecionar Geografia. Precisamos atentar para os fatos e vermos que a Geografia é uma disciplina riquíssima e merece ser colocada em pauta essa situação caótica em nossa cidade de Grajaú.

Portanto, é crucial não deixarmos de esclarecer que esta história oral, não se pode em algum momento considerá-la como verdade absoluta, mas apenas uma visão do sujeito entrevistado, onde conviveu e participou da primeira turma de Geografia em Grajaú e convive com situações tristes no ensino de Geografia da nossa realidade local.

3.2 O curso de Ciências Humanas/Geografia da UFMA

Ao apresentar uma breve história oral do curso de Geografia na UFMA, irei utilizar falas de um ex-aluno da Universidade, onde se disponibilizou para contribuir com esta pesquisa, aqui chamado de SUJEITO II³.

O Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/Geografia da UFMA é uma proposta de formação interdisciplinar de professores da área de Ciências Humanas (História, Geografia, Filosofia e Sociologia) para atuarem nos anos finais do Ensino

³ Professor de Geografia da rede municipal, formado na primeira turma do curso de Ciências Humanas/Geografia

Fundamental e de Geografia para atuarem no Ensino Médio. Originalmente, o curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia, no campus de Grajaú, foi criado pela Resolução N° 130-CONSUN de 24 de maio de 2010 e Resolução N° 168-CONSUN de 24 de abril de 2013. O Campus foi instituído pela Resolução N° 140-CONSUN, de 25 de maio de 2010, na primeira fase de interiorização da Universidade Federal do Maranhão que também criou os campos de Imperatriz, Bacabal, Chapadinha, Balsas e Pinheiro (PPP, 2013).

Esta licenciatura é ofertada regularmente, com uma entrada anual de 60 vagas, em Grajaú. O município foi criado pela Lei Provincial N° 1.225, de 7 de abril de 1881. Tem uma área de 7.407,82 km², com uma população de 61.093 habitantes (2010). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,639 (2000) e o Produto Interno Bruto (PIB) é de R\$ 252,8 milhões (2008), com PIB per capita de R\$ 4.527,87. A principal atividade econômica é o comércio e serviços, seguida pela agropecuária e incipientemente a indústria.

Falar um pouco sobre a nossa formação temos que falar um pouco sobre a questão da nossa entrada no nosso curso, a maioria dos alunos entrou pelo SISU, na verdade era pra todos entrarem pelo SISU porem não completou a turma, a turma da UFMA do campus do interior se forma com sessenta, então não deu de formar os sessenta alunos, então fizeram um seletivo, inclusive eu entrei pelo seletivo e juntou os alunos do seletivo e os alunos do SISU e formaram sessenta alunos, entramos em 2010.2 pois já foi no segundo semestre de 2010 em agosto, iniciou com duas turmas, uma de Ciências Humanas e outra de Ciências Naturais, o prédio do Darci Ribeiro cedido pela Prefeitura Municipal de Grajaú, hoje é a secretaria de educação do município, lá nós dividíamos espaço com o pessoal do Darci Ribeiro que é um programa do estado e nós tínhamos todos os professores na área, de Filosofia era o professor Ubiratane Moraes, Geografia Rose Rocha, História professora Viviane, Sociologia professora Mônica, Fundamentos da Educação a principio foi o professor Manoel Pinto, depois pediu transferência para o campus de Imperatriz e veio o professor Leonardo (SUJEITO II).

Este curso foi uma das grandes oportunidades que se abriu na cidade de Grajaú, a principio foi selecionado os novos acadêmicos através do SISU, mas não formando as turmas de acordo com a quantidade exigida, foi necessário realizar um seletivo, através desse seletivo muitos conseguiram uma vaga, tanto no curso de Ciências Humanas como Ciências Naturais. Como podemos observar os alunos das primeiras turmas, tiveram que estudar em um prédio cedido pela prefeitura, onde funcionava cursos da UEMA, com isso surgiu muita dificuldade, tanto em relação ao prédio, quanto os meios de se locomover até o curso, como afirma o SUJEITO II:

Nós tivemos grande dificuldades com relação a essa nossa estada lá no Darci Ribeiro, primeiro foi com relação a biblioteca, nós não tínhamos acesso a essa biblioteca, apesar de ter uma biblioteca lá, mas nós éramos impedidos de acessar a biblioteca, porque falavam que a biblioteca era para o programa do Darci Ribeiro, então nós não tínhamos esse acesso. Com relação aos transportes, muitos alunos era do bairro Expoagra e os demais do bairro canoeiro que são dois pontos extremos da cidade, então pra você chegar ao prédio Darci Ribeiro fica um pouco longe, muitos

alunos desistiram em relação a esse transporte e teve outros que vieram de outra cidade, passaram alguns meses aqui, porem os seus pais por ser de poder econômico baixo, não conseguiram manter seus filhos aqui na cidade, então acabaram que retornando para sua cidade de origem, passamos um bom tempo lá no prédio cedido, (SUJEITO II).

Apesar das barreiras que os alunos acadêmicos enfrentaram neste período do início do curso, também tiveram suas conquistas, pois com muito esforço e muita luta, conseguiram um terreno para que ali pudesse ser erguido um prédio próprio da UFMA, como relata: “um ano e pouco e com muita luta foi doado um terreno pela prefeitura no bairro canoeiro, dai foi construindo o prédio que viria ser então o campus 6” (SUJEITO II).

Dentro de uma retrospectiva histórica e após grandes embates políticos em 2000 houve a implantação do Campus da UFMA em Grajaú, em que foi doada uma área à Universidade para a construção, enquanto a obra seguia em ritmo acelerado, as atividades da Universidade eram desenvolvidas em um prédio com toda estrutura e conforto merecido aos universitários cedido pela gestão municipal da época [...] (FERREIRA, 2013, p. 80)

Portanto, com o terreno, a obra foi desenvolvida em um ritmo acelerado para que pudesse acomodar os acadêmicos das primeiras turmas, como também os que estavam por vir nos próximos anos, no entanto, o prédio não estava completamente concluído, mas já foi um grande passo que foi dado:

[...] nessa integralização o campus de Grajaú é o 6, e aos poucos com muita luta e reivindicação nós conseguimos ser transferidos pra lá, mesmo não estando totalmente concluído o campus e acredito que até hoje não está totalmente concluído, falta várias coisas. Mas naquela época não tinha ar condicionado ainda, ou seja, nós ficávamos na sala que era forrada com PVC e fazia bastante calor, e nosso curso era pra começar seis horas, mas nós começávamos sete horas, pois já pegávamos um pouco da noite, abria as janelas para o ar ficar melhor para os alunos. (SUJEITO II).

Esse foi um momento impar e esperado na vida dos acadêmicos, pois mesmo sabendo que ainda teriam que enfrentar mais situações adversas, estavam satisfeitos em poder ver a Universidade lhes acomodando, tendo também um apoio político, neste período a coordenação do curso passou a ter um convênio com a Prefeitura Municipal, onde foi disponibilizado transporte para que os alunos pudessem se deslocar de suas casas até o novo campus.

Nós passamos a frequentar esse campus da UFMA, com convênio da prefeitura com a coordenação da UFMA, foi disponibilizado um transporte que facilitou muito os alunos a está se deslocando para esse novo lugar que é um pouco longe, também foi uma questão importante não ter transporte porque muitas pessoas não tinham motos, carros e com essa dificuldade foi meio obrigados a comprar, então quase todos concluiu o curso com seu meio de transporte, então isso foi males que veio para o bem. [...] porém quando passamos para nosso campus, melhorou 100% com relação

a nossa estada no Darci Ribeiro, porque na UFMA nós tínhamos toda nossa tranquilidade, liberdade, nós podíamos passar o dia todo no campus, já no Darci Ribeiro não podíamos, pois tínhamos determinado horário pra entrar e sair, e no campus temos nossa biblioteca, apesar que na biblioteca não é específica para o curso de Geografia, com relação aos livros seria próprio da nossa formação e há poucos livros, há mais livros de outras formações (SUJEITO II).

No início do curso o quadro de professores estava completo, mas com o decorrer dos anos, muitos se afastaram para fazer doutorado, outros foram transferidos para outros campi, daí o curso ficou um pouco pendente em relação a isso. Quando entrei na segunda turma em 2011.2, ainda no prédio Darci Ribeiro, alguns professores já haviam se afastado, com isso algumas disciplinas ficaram pendentes para ser recuperada em outros semestres ou até mesmo nos períodos de férias.

[...] começamos com todos os professores, porém alguns professores entraram no doutorado e tiveram que se afastar, então com esse afastamento deles, nós ficamos um pouco desassistido pela parte docente, porém poucos meses depois fizeram o concurso e concursaram outros professores e apossaram outros professores pra nós, então com relação aos professores nunca tivemos esse período muito grande sem professores, nós tivemos foi uma greve que demorou cinco meses e afetou nossa formação que era pra nós ter terminado em 2014.2 e terminamos praticamente 2015.1, então foram praticamente sete meses de atraso (SUJEITO II).

Além destes problemas, surgiu uma situação onde muitos acadêmicos se preocuparam com sua formação, o curso passou por varias modificações, pois no principio não estava determinado qual seria a habilitação, mas de acordo com a necessidade local foi escolhido Geografia, com isso, muitos discentes tiveram que sair de Grajaú no ultimo ano do curso para concluir sua formação com a habilitação desejada, em outro campus.

Portanto, esse curso foi de grande importância na cidade de Grajaú, e continua contribuindo com a educação, pois já formou a primeira turma onde muitos já estão exercendo sua profissão em sua área, e em breve estará formando a segunda turma. Segundo os sujeitos entrevistados, o curso fará uma grande diferença no ensino de Geografia em Grajaú, pois assim, muitos acadêmicos que estão sendo formados pela Universidade Federal do Maranhão, irão sair bem mais preparados para fazer a diferença em um ensino que é crucial na vida do educando. De acordo com os SUJEITOS (I, II, III⁴ e IV) há uma grande expectativa em relação ao curso, ou seja, perspectivas que a Educação de Grajaú ganhou muito com este curso de Licenciatura em Ciências Humanas, principalmente com habilitação em Geografia.

⁴ Professor de Geografia da rede municipal, formando em Ciências Humanas/Geografia.

Eu acredito que vai melhorar muito a qualidade dos alunos, eu digo isso em termos depois de avaliações futuras quando forem feitas pelo governo federal na área de geografia, de acordo com que os professores vão se formando na área de geografia aqui em Grajaú, com certeza vamos ver reflexos disso nas notas de exames do governo, porque os professores de geografia vão está mais capacitados, estarão mais instruídos, então eles terão mais conhecimentos acerca dos assuntos, e de todas as formas estarão mais aptos para ensinar geografia, até porque o curso de geografia aqui em Grajaú tem outras disciplinas que complementam este curso, como História, Sociologia e Filosofia, dar pra o professor de geografia vê-la de uma maneira mais diferente, apesar que isto também pode de alguma forma não contribuir, porque se trabalhar a geografia no sentido pleno, só geografia no curso inteiro talvez a gente teria maior domínio sobre ela, mas também não podemos desvalorizar. Mas um problema, esse curso só vai ser melhor do que agora se colocarem um laboratório de informática e disponibilizar livros na biblioteca, se isso não acontecer o curso será razoavelmente bom, mas pra que ele se torne excelente é necessário de uma biblioteca equipada com livros e de um laboratório que tenha todos os aparatos pra gente trabalhar com materiais e pesquisas realizadas no âmbito da geografia (SUJEITO III).

Ah eu acredito que vai melhorar muito, porque aqui na nossa cidade tem essa carência de professor de Geografia, a gente ver que nas outras áreas professores de História, Letras e etc., e Geografia não tem. São poucos professores e poucas escolas que tem professores de Geografia, geralmente ficam completando carga horária, Geografia é uma disciplina muito rica e importante e não pode ser passada de qualquer jeito. Então a formação desses novos profissionais irá com certeza ajudar a melhorar muito o ensino de Geografia na nossa cidade de Grajaú (SUJEITO IV).

Eu acredito que vai ser uma coisa positiva, onde a educação de Grajaú vai ganhar muito, pois é como se fosse um curso assim regular, onde cada disciplina desse curso vai ser vista com mais tempo e mais detalhadamente, eu creio que vai só melhorar, e pessoas mais novas vai optar por estudar e irá melhorar a educação de nossa cidade (SUJEITO I).

Apesar de que as perspectivas são muitas e o desejo de ver o avanço no ensino de Geografia, notamos que o curso como qualquer outro, também passou por problemas, tendo seus erros e em seguida concertados ao longo dos períodos, nesta visão de que vai continuar melhorando, o SUJEITO II destaca que:

Eu acredito que com o passar dos anos, este curso ele tende a melhorar, ele já passou por alguns problemas, pois tudo que é novo sempre traz um pouco de estranhamento, as pessoas têm um pouco de resistência. Porém, com os erros que foram cometidos no passado, com a formação dos primeiros, ou seja, as duas primeiras turmas que mais pegaram problemas, eu acredito que eles trazem esses erros e juntando, o curso tende a melhorar porque está vindo pessoas de fora, tanto alunos quanto professores e isso contribui para a formação de alunados aqui de Grajaú, porque ele vai trazer conteúdos que é ensinado na escola deles de outro estado, de outro município e vai somando e as diferenças fazem nosso Brasil cada dia melhorar, então eu acredito que nosso curso a partir da metodologia de uma mudança de nosso currículo. Também não concordo com o currículo da nossa formação, a questão da carga horária, a questão das disciplinas em focar muitas disciplinas e esquecendo outras, então está defasado o currículo da UFMA do campus Grajaú, aos poucos acredito que será um bom curso (SUJEITO II).

Mesmo com o olhar crítico acerca do currículo do curso, o SUJEITO II, acredita que a cada dia vai melhorar mais um pouco, pois a partir das mudanças que já ocorreram e irá continuar acontecendo, o curso conseqüentemente se aperfeiçoará e formará cada vez mais pessoas capacitadas para o mercado de trabalho na área da educação e sempre voltada para superar os problemas presentes no ensino de Geografia de nossa cidade.

4. O PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM GRAJAÚ

Para exercer a profissão docente em Grajaú é preciso entender que há alguns desafios, onde inicia no primeiro curso de Geografia, que se prolonga até os dias de hoje. Inicia-se primeiramente com a vinda dos cursos para Grajaú e alunos acadêmicos decidem realizar o desejo de ter uma formação, que logo após é surpreendido pela escolha do curso, tendo assim que optar pelo curso ofertado, em seguida passam a vivenciar o novo ambiente de trabalho, onde encontram problemas e desafios que são visíveis, contudo, atuam e realizam seus trabalhos enquanto mediador do conhecimento. Nestes tópicos será destacado o que levou cada professor entrevistado a escolha do curso, como também detalhar as barreiras encontradas durante sua atuação, e por fim mostrando suas expectativas futuras em relação ao curso de Geografia ofertado pela UFMA.

4.1 A opção pelo curso de Geografia

Ao analisar a formação do professor de Geografia em Grajaú é possível notar uma questão relevante acerca da escolha do curso pelos discentes, ou seja, muitos chegaram a optar pelo curso de Geografia simplesmente pela falta de opções de outros cursos que pudessem lhe atrair, ou mesmo por ser considerado um curso mais simples, como afirma a fala do SUJEITO I:

[...] eu fiz a geografia porque às vezes muitas pessoas optaram por geografia achando que era uma coisa mais fácil, eita uma faculdade! Meu Deus será se é tão difícil? Dai optaram por fazer Geografia (SUJEITO I).

Já em relação a oportunidade que surgiu em fazer um curso superior de qualidade notamos a afirmação do SUJEITO III:

Os principais motivos que me levaram a lecionar Geografia, primeiro a oportunidade que surgiu, não tinha outra, pois passei no vestibular, e assumi, pois, aqui em Grajaú não tem outro curso em termos de qualidade mais interessante que este, e também eu já queria anteriormente, mas foi principalmente questão de oportunidade! (SUJEITO III).

Apesar de que estes fatores tenham influenciado estes discentes a fazer o curso de Geografia em Grajaú, há também uma importante questão acerca de uma certa “imposição” onde muitos teriam que ser formados para poder exercer seu papel como professor, desta forma era necessário ter uma formação superior.

Foi uma coisa que a gente, comecei dizendo que foi quase uma “imposição”, ah é porque todo mundo tem que ser formado então vamos! Dai na escolha da disciplina, como não tinha assim muitos cursos pra escolher, pois vieram só alguns, parece que na época tinha matemática, biologia, história, geografia, dai a gente vai procurando assim, matemática não, e assim vai selecionando e por eliminação, e ai foi por isso que optei por Geografia, não porque eu gosto de Geografia, mas eu confesso que ate então não era aquela coisa pra eu dizer que gosto de Geografia, por isso eu ia querer essa disciplina! Foi mais uma necessidade de uma formação (SUJEITO I).

Em outro caso, como destaca o SUJEITO II, a sua formação não foi baseada em sua própria escolha pelo curso, mas sim a escolha do colegiado da Universidade, onde tinha como objetivo escolher o curso que melhor atendesse a necessidade da região local.

A questão de escolher Geografia, pra falar a verdade eu não escolhi Geografia não, eu sempre tive a tendência em fazer filosofia, ai teve toda aquela questão de procurar curso que se adaptasse a nossa região e acabou que o colegiado da nossa faculdade optando pela Geografia. Ao principio eu não me identificava muito com a Geografia não, aos poucos a pessoa vai trabalhando, gostando e vai se identificando (SUJEITO II).

Diante dessas afirmações podemos observar que todos estão praticamente na mesma situação onde o curso de sua formação não foi escolhido por vontade de formar nesta área, mas sim com a necessidade de obter uma formação para que pudesse exercer sua profissão, outros para conseguir adentrar no mercado de trabalho de acordo com a sua realidade. Diante dessa perspectiva, vale questionar se esta formação contribuiu para se ensinar Geografia, pois diante destes problemas acerca da escolha, se sabe que existe relação à aprendizagem adquirida dentro da Universidade, pois infelizmente:

É constrangedor para o poder instituído, principalmente sendo esse fato de conhecimento internacional, que numa nação como o Brasil ainda existam professores leigos ministrando rudimentos do conhecimento em uma sala de aula repleta de alunos, cuja única fonte de saber ainda se constitui nos ensinamentos recebidos por meio do professor (ANTUNES, 2007, p. 148-149)

Portanto há essa questão intrigante, tendo como consequência uma formação sem ter um desejo a priori pelo formando, não podendo assim, descartar a possibilidade do acadêmico sentir um desinteresse pelo curso, causando uma má formação, transformando-o em um profissional sem qualidades. Contudo, é necessário entender, que também há a possibilidade de se adequar ao curso e se tornar um profissional competente e apaixonado pela profissão na área no qual formou, como foi destacado nas falas acima.

4.2 A atuação do professor de Geografia em Grajaú

O professor é alguém que tem consigo conhecimentos que são adquiridos tanto durante sua formação, quanto no seu cotidiano enquanto mediador. E sua prática é crucial enquanto docente. Diante disso, é importante destacar que a prática docente é compreendida, como prática intencional de ensino e aprendizagem e não se pode pensar que o ensino de Geografia é ministrado assim como qualquer matéria, determinada apenas por conteúdos e métodos, mas que precisa ser dirigidas principalmente à construção de conhecimento por esse sujeito ativo. E para isso acontecer, os conteúdos, os recursos metodológicos, a didática, contribuem para que haja um aprendizado com maior eficácia (BENTO; CAVALCANTI, 2009).

Nesse sentido, Callai (2003) destaca que o ensino de Geografia é relevante, pois é uma ciência social, e ao estudá-la devemos considerar o aluno na sociedade em que vive, ou seja, não pode estar distante da realidade, porém, para ir além de uma aula descritiva ou até mesmo rotineira é necessário o esforço do professor para trazer aquilo que está sendo estudado para realidade do aluno. Com esse mesmo raciocínio, LIMA et al. enfatiza que:

[...] os educadores, ao ensinarem geografia, devem entender que essa disciplina escolar se constitui historicamente dos conhecimentos científicos que buscam a análise da realidade que é o conhecimento geográfico. Para que o educando aprenda geografia, não basta apenas assimilar as informações geográficas, mas fazer uma inter-relação dos conteúdos com o seu cotidiano, com o seu saber, permitindo uma análise da realidade na perspectiva geográfica (LIMA et al. 2013, p. 02).

Mas ao analisar esta situação a partir das verbalizações dos sujeitos, posso observar que é crucial a participação e o esforço do professor em sua atuação, contudo, há uma série de questões que afirmam serem empecilhos para uma aula produtiva, pois infelizmente:

[...] alguns chegam no ensino médio sendo analfabetos funcionais, leem mais não compreendem o que lê, outros não tem a mínima noção da geografia, como foi falado anteriormente, e isso é um problema, porque quando a gente ensina no ensino médio como vem alunos de diversas escolas do ensino fundamental, e já que as escolas do ensino médio não oferecem ensino fundamental, conseqüentemente os alunos que vem para o ensino médio são de diversas escolas diferenciadas, e certos alunos tem certo avanço e outros atrasos, um dos maiores problemas do professor é tentar organizar seu processo de ensino pra contemplar todos estes alunos, porque uns são mais desenvolvidos e outros menos e não dar pra parar estagnar com conteúdo pra uma pessoa aprender e também não dar pra seguir em frente e deixar pessoas que não sabem para trás, então o problema é tentar conciliar e trabalhar simultaneamente (SUJEITO III).

Da mesma forma afirma o SUJEITO I:

Mas na interpretação mesmo, nosso aluno chega muito carente de leitura e interpretação, então Geografia também tem muito isso, lê e entender um assunto e isso é muito difícil pra eles (SUJEITO I).

Infelizmente isso é uma realidade brasileira, aonde muitos chegam ao ensino médio ou até mesmo na universidade sendo analfabetos funcionais. Mas acredito que através da atividade de ensino, o professor consegue produzir as mediações que visam desencadear essa dificuldade. Seja quando vai realizar alguma atividade, onde normalmente é sobre aquelas dimensões estruturante que se dedica mais, pois no fundo o aluno está querendo alguém que revele inteligência para com a situação, que tenha algo relevante a lhe passar, que o possa lhe ajudar a crescer, a entender o que se passa com ele e com o seu mundo, e não apenas um “dador de aula” (VASCONCELLOS, 2009). Segundo o SUJEITO III:

[...] pra trabalhar em Grajaú deve ser um professor principalmente que conheça e tenha primeiro domínio do conteúdo, depois conheça a realidade dos alunos e trabalha de acordo com a realidade dos alunos, é um professor que saiba buscar materiais alternativos que não tenha muito custo porque na verdade se tiver muito custo possivelmente ele não irá arcar com estes custos, então ele tem que trabalhar de forma diferenciada e melhor, fazer uma junção da geografia com outras disciplinas pra ver e tentar simplificar e também tentar melhorar o conhecimento do aluno, porque na verdade a geografia é mais importante quando se faz uma, podemos até dizer, interdisciplinaridade dela com as outras disciplinas (SUJEITO III).

Contudo vale salientar que não só o professor é o solucionador deste problema, ou até mesmo o único que pode lutar para reverter esta situação. Mas é relevante e urgente pensar numa escola e numa Geografia para todos aqueles, apesar que, alguns têm ido para a escola para passar o tempo e menos aprender, chegando ao fim de oito anos ou mais, analfabetos funcionais, conseguindo apenas ler as palavras, decodificando-as sem entendê-las. Isso conseqüentemente finalizam o ensino fundamental sem possibilidades de entender e agir no mundo que os cerca, ou entender de forma caótica, sem condições de exercer e construir uma cidadania efetiva (SOUZA e KATUTA, 2001).

Para que a escola ocupe seu papel enquanto contribuinte no processo ensino-aprendizagem, é necessário que esteja aliado ao professor em todos os fatores que levam a um ensino de qualidade. Mas sabemos que na prática docente na cidade de Grajaú existe algumas mazelas principalmente em relação aos recursos didáticos disponíveis nas escolas que alguns dos entrevistados lecionam, sendo que estes são fundamentais em uma aula, para que haja um aprendizado. Além disso, o ensino de Geografia não pode deixar de lado e abrir mão da

exigência do necessário conhecimento teórico-metodológico do professor para que tenha condições de definir o que e como trabalhar em cada momento:

[...] a escola que eu trabalho atualmente tem um globo que não consegue girar, porque já está muito velho, possivelmente os professores não utilizavam porque estavam muito empoeirados quando cheguei lá e cheguei a usar mas por alguns motivos não usei porque estava em péssimo estado, não tem mapas e não cheguei ao conhecimento de ter mapas, então uso mesmo sempre só imagens tiradas da internet (SUJEITO III).

Com a mesma situação de falta de recursos vemos na fala do SUJEITO IV:

[...] a escola não tem esses recursos para trabalhar Geografia, eu pelo menos tenho, por exemplo mapas, eu consegui, na escola tem um globo que eu utilizo também e as vídeo aulas tem que procurar na internet, tem muita coisa boa na internet basta saber usar. O que falta mesmo é a escola está preparada e equipada com uma sala adequada, pra que o professor se programe antes pra não perder tempo. Nessa questão, eu pesquiso em casa antes vídeo aulas e outras coisas, mas a informática na escola ela às vezes fica difícil, então o professor tem que ter o datashow, pois geralmente a escola não tem pra oferecer pra gente. Mas quando eu consigo emprestado eu uso data show, pois ainda não tenho, mas pretendo possuir (SUJEITO IV).

Mesmo com a deficiência que há na escola em relação a recursos didáticos, como também a falta de preparação da mesma acerca disso, o livro é um meio que os professores utilizam para que possam dar suas aulas.

[...] as vezes têm livros didáticos que não são muitos bons, esse agora que estamos usando por último uma coleção muito boa e muito interessante, algumas coisas não porque a gente sabe a realidade do livro didático ele não traz pra nossa realidade, por exemplo, trata de assuntos mais do sudeste, sul, centro-oeste e a gente aqui assim, a nossa realidade do nosso nordeste, do maranhão fica a desejar (SUJEITO IV).

[...] quando eu entrei o livro já tinha sido escolhido, a principio eu não gostei muito do livro, o livro é bastante disperso, enrolava, enrolava e falava poucas coisas, então eu tive que procurar materiais na internet em PDF, algumas aulas vídeos que eu levava para os alunos, para estar complementando a minha aula, mas em relação ao livro didático eu o usava, porque era uma normatização da escola que você tem que usar o livro, mas a principio nem eu e nem os alunos gostávamos dele não (SUJEITO II).

Os livros didáticos, segundo os sujeitos, são bastante distantes da realidade local, mas não podemos descartar a ideia de que são relevantes para o professor, porém é apenas um auxiliar para nortear o docente em determinados conteúdos, pois se sabe que a aula de qualidade depende muito da desenvoltura do docente na sua prática em sala. No entanto, vemos a forma de ensinar baseada no “decoreba” principalmente em relação as áreas de ciências humanas, mas o processo de formação se torna eficaz somente quando, a ideia de

ensino-aprendizagem ultrapassa o método “decoreba”, e o profissional deseja melhorar cada vez mais sua prática educacional, sempre buscando mais conhecimentos para repassar a seus alunos, de maneira que venham não decorar mais realmente aprender (FERREIRA, 2012).

Daí os professores analisados, usam suas criatividade para enriquecer suas aulas e trazer de forma mais profunda e interessante os conteúdos. Dessa forma fazem uso de tecnologias para suprir essa falta no processo de ensino-aprendizagem entre o aluno e professor, e usam estas estratégias até mesmo quando sentem dificuldades. Diante disso afirmam que:

[...] sempre que se mostra algum conteúdo difícil da geografia que é assim à primeira vista é mais complicado, eu não vou dizer que não sinto dificuldades porque eu sinto alguma dificuldade em alguns assuntos, porém, eu sou obrigado a procurar meios, outros meios através de pesquisas pra eu ter uma noção, mesmo que seja pouco, mas pelo menos uma noção mais aprofundada acerca daquele conteúdo, mas isso não significa que eu não tenho, porque isso eu até acho natural. Além do livro didático uso textos complementares, porque além dos textos complementares, tem os vídeos e as músicas porque são muito interessantes para aprender a termos principalmente em questão da globalização, têm muitas músicas que se refere a isso como dos titãs, algumas músicas de Gilberto Gil e tem outros cantores que possibilitam a gente trabalhar com esses temas em que na verdade serve de motivação para o aluno. Então se trabalha com músicas, vídeos, porque quando se trabalha com a geografia há uma infinidade de vídeos disponíveis no youtube, então isso é um recurso grátis e que é acessível pra todos, então de maneira bem simples, até também da gente indicar para os alunos assistir (SUJEITO III).

[...] têm alguns conhecimentos da Geografia que eu tenho um pouco de dificuldades, porém eu procuro suprir essa dificuldade através de estudo, de baixar vídeos e estar aprimorando o que já trabalho (SUJEITO II).

Os sujeitos foram sinceros em declarar suas dificuldades em alguns conteúdos, principalmente em assuntos que não foram trabalhadas dentro da universidade com maior profundidade. Vale frisar e com muita tristeza que a Geografia está entre algumas disciplinas não consideradas de grande importância, em virtude de outras consideradas mais determinantes na vida do indivíduo, mas:

[...] o problema do descrédito do ensino de Geografia não está nos seus conteúdos, mas sim na concepção de conhecimento e na metodologia dos seus professores. Um problema, portanto, em nossa formação. [...] nossos maiores problemas não são nos conteúdos, mas sim de falta de clareza, para nós mesmos professores de Geografia, do papel de nossa ciência (KAERCHER, 2002, p. 225).

A partir destas afirmações nota-se que o professor consegue dar uma aula de qualidade, pois sua metodologia, sua dinâmica irá decidir se sua aula foi produtiva, mesmo que haja dificuldades, falta de materiais e aliança entre a escola, como também falta de entendimento em alguns conteúdos, o professor pode sobressair com resultados positivos se o mesmo estiver disposto a buscar conhecimentos utilizando outros meios. E assim como Kaercher (2002) destaca, que mesmo com a “desvalorização” do ensino de Geografia, onde

não se localiza especificamente nos conteúdos, e sim nos métodos usados pelo professor e na concepção de seus conhecimentos, é necessário analisar com mais precisão a questão da formação, se isto influencia realmente no processo ensino-aprendizagem, e isso observaremos essa questão mais adiante.

Portanto, só havendo uma atuação comprometida eticamente com os preceitos do exercício da profissão de professor é capaz de permitir que os anos não eliminem a fecundidade da rebeldia de ensinar e aprender do outro e a vontade progressiva de aprender (ANTUNES, 2007).

4.3 Perfil do professor de Geografia

Quando trato sobre ser professor de Geografia e qual seria o perfil ideal para este educador, é necessário entender primeiramente que para exercer esta profissão precisa-se de uma formação, no qual será crucial no processo de ensino aprendizagem, mas se sabe que mesmo formado há os pontos positivos e os pontos negativos no ensino de Geografia. Para isso eis as declarações sobre os pontos positivos que podem ajudar a desenvolver uma aula de qualidade. Por isso afirmam que:

[...] é um tema muito sugestivo e muito interessante que envolve principalmente os acontecimentos a ação do homem sobre o meio que está interligado principalmente no mundo em que nós vivemos de forma mais contundentes, nos meios de relação econômicos, relações políticas, relações ate mesmo com o lugar que estamos situados, questões em termos culturais (SUJEITO III)

[...] os pontos positivos é aquela questão de você saber mais um pouco da sua realidade, do contexto social, porque a Geografia engloba tanto a questão da parte física quanto humana. Com a parte humana você aprende muito a questão da realidade do contexto social, e explica para os alunos e vê que eles conseguem compreender de uma visão critica em relação aquilo, está errado pra ti é bom (SUJEITO II).

Os pontos positivos é a riqueza que a disciplina de Geografia tem (SUJEITO IV).

Segundo as falas dos professores, a Geografia é uma disciplina rica, assim como as outras disciplinas, pois trata de assuntos relevantes e faz parte do cotidiano de cada aluno, podendo trabalhar conteúdos condizentes as suas realidades. Apesar que os pontos positivos podem promover um ensino de Geografia com qualidade, temos alguns pontos negativos, que dificultam o ensino, como destaca os sujeitos:

[...] os aspectos negativos da Geografia, ela enfoca muito em uma área e esquece a outra, ela é trabalhada nas escolas que eu vejo de uma forma muito quantitativa, na questão neopositivismo, dão mais valor a questão da quantidade e não da qualidade,

pede muito ao aluno a questão da decoração, tem que decorar tantos estados e países, e isso foi se vinculando a Geografia. Quando fala em Geografia remete a ideia, a questão do mapa de você aprender nomes de países e localidades, quando na verdade a Geografia não é só isso, mas tem uma concepção maior pra realmente se saber o que é a Geografia (SUJEITO II).

Da mesma forma destaca o SUJEITO IV no qual fala que:

[...] a gente sabe a realidade do livro didático ele não traz pra nossa realidade, por exemplo, trata de assuntos mais do sudeste, sul, centro-oeste e a gente aqui assim, a nossa realidade do nosso nordeste, do maranhão fica a desejar (SUJEITO IV).

Para desenvolver sua profissão, o professor não se deve prender somente a materiais que não lhe ajudam no momento da sua aula, ao contrario, o bom professor ele estar constantemente buscando formas de aperfeiçoar seu trabalho, compartilhando também seus conhecimentos adquiridos dentro da Universidade.

O debate sobre a qualidade social da educação tem por discussões de valorização e profissionalização, este tema vem sendo tratado como proposta fundamental, nos debates sobre a formação e valorização profissional. Assim como as instituições educacionais estão buscando novas técnicas de ensino que contribuam para a formação desses profissionais qualificados, o mercado de trabalho exige qualificação profissional, isso tem se dado através de inovações que vem ocorrendo dentro do processo de formação docente e do antigo paradigma pedagógico, renovando assim os métodos de ensino/aprendizagem (FERREIRA, 2012, p. 10).

Neste raciocínio, quero aqui deixar uma questão, para analisarmos a seguir. Para que este professor consiga alcançar os melhores resultados em uma aula de Geografia, é necessário ter a formação condizente a sua prática? Será que realmente existe um perfil ideal para ser professor de Geografia? Ou será que somente os formados conseguem alcançar bons resultados? Segundo alguns dos nossos sujeitos, trabalhar com a disciplina de Geografia e ser um bom professor são necessários ter uma formação na área.

[...] a formação do professor na área de Geografia é crucial e decisiva no ensino aprendizagem, em termos de formação, não me referindo muito e me prendendo a questão da graduação em si, mas sim na formação do professor como estudante pois deve sempre estar buscando conhecimentos, porque se falar em formação somente na graduação percebe-se que alguns professores estagnam no tempo e a formação deles não é continuada, o importante também ter uma continuação dessa formação (SUJEITO III).

Na mesma perspectiva os SUJEITOS I e IV também acredita que o professor tem que ser formado:

[...] tem que ser um professor que seja formado, aquele professor que pesquisa, que se preocupa com o que está acontecendo no mundo e na realidade pra estar levando uma discussão pra dentro da sala de aula, pois ele é a pessoa mais indicado para está procurando entender, pesquisar pra entender melhor esses assuntos, um professor que usa estratégias pra chamar atenção dos alunos, usando métodos diferenciados para está assim facilitando mais a aprendizagem dos alunos (SUJEITO I).

[...] alguns casos acredito que sim, mas na maioria acredito que não, até porque o professor que é formado naquela área está preparado, ele já é meio caminho andado, ai o professor que não é formado com certeza ele tem mais dificuldades, embora ele se identifique, embora ele tenha semelhança com sua disciplina, mas não é o mesmo caso do professor que é formado na área que trabalha. Acredito que o professor formado na área que atua consegue resultado mais positivos, pois o professor formado está mais preparado em relação ao professor não formado na área (SUJEITO IV).

Podemos notar a semelhança entre as falas, onde os sujeitos acreditam que para lecionar a disciplina de Geografia, é crucial que o professor seja formado na área e que só assim conseguirá desenvolver a aula com mais eficiência. Segundo Tardif (2002, p. 39)

Em suma o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos.

Diante dessa afirmação observa-se que é importante o professor ter sua formação na área na qual atua, pois ao contrário disso haverá dificuldades ao ministrar tais conteúdos. Da mesma forma, Cassab (2009) enfatiza que não basta somente saber Geografia para ser professor de Geografia, certamente, é fundamental que o professor seja formado, para que isso venha contribuir em sua compreensão a respeito do processo de produção dos conhecimentos geográficos.

Mas por outro lado, há algumas afirmações contrárias, onde é considerado que não é preciso ser formado na área para desenvolver um ensino de qualidade. Podemos ver nas afirmações a seguir:

[...] a questão lecionar não depende de um diploma, não é um papel preto e branco que vai dizer que você tem capacidade ou não de trabalhar com aquilo, vai depender do seu interesse, da tua vontade e do seu compromisso com seus alunos que estão ali todos os dias, porque você tem o dever social com o estado que é pagar o que ele te deu, por exemplo, ele te deu a formação, se você é formado numa área e está trabalhando em outra, você tem que se dedicar o máximo para suprir aquela defasagem, porque você não está formado na área, então você tem trabalhar o máximo e se dedicar cada dia, e se for um professor comprometido, ele consegue dar conta de estar trabalhando na área da Geografia mesmo que não seja formado na área (SUJEITO II).

Com o mesmo pensamento, Vasconcellos (2009, p. 138) declara que:

Professor não é aquele que tem um diploma, que prestou um concurso, que foi aprovado no estágio probatório, que está lotado numa determinada escola, mas fundamentalmente aquele que sente prazer em ensinar, em ver o outro crescer através de sua mediação.

Portanto, os dois tipos de concepção sobre ser ou não ser formado para trabalhar e obter sucesso no processo ensino-aprendizagem é crucial primeiramente que o professor esteja comprometido com seu trabalho e profissão independente de sua formação. Pois é preciso conhecer a disciplina na qual ensina, mas isso é importante, mas não suficiente, pois não adianta o professor ser formado e não comprometido, as duas coisas precisam andar juntos, apesar de que tem muitos formados, mas não são dedicados e não tomam para si a responsabilidade de educar, enquanto há que não são qualificados na área, mas com o esforço para trabalhar com a Geografia, conseguem realizar um trabalho excelente, obtendo resultados positivos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta pesquisa foi possível observar que há muito que melhorar, e muitos estão lutando para isso, mas infelizmente a profissão docente se tornou uma situação complexa, onde muitos não se compromissam com o seu trabalho.

Desde muito tempo, a questão do professor e a sua valorização vem sendo questionada, reivindicada, contudo, muitos continuam na mesmice. Para formar professores de Geografia na primeira turma do curso aqui em Grajaú, segundo o sujeito, havia grandes dificuldades, não é diferente no curso atual, existe os problemas, as adversidades, contudo, há a força de vontade de continuar e não desistir de contribuir numa educação que precisa melhorar cada vez mais.

Através das conversas e entrevistas, nota-se que a atuação do professor em sala de aula com a disciplina de Geografia, não tem tido grande êxito, uns afirmam que por falta de materiais, outros, por falta de estrutura escolar adequada para ter uma aula produtiva, entretanto, algo precisa ser revisto. Portanto, é crucial que o professor esteja sempre a buscar novos conhecimentos para somar com o que já tem adquirido tanto na sua formação como em sua experiência enquanto professor, apesar de que, há as múltiplas dificuldades no ensino de Geografia, e que mesmo os docentes formados na área ou não, é possível transformar aquelas aulas existente atualmente, em que são consideradas muitas vezes em algo rotineiro, sem soluções, “chato”, inverte-las para aulas produtivas, dinâmicas, a partir da força de vontade do educador, através do esforço, da dedicação, pois se tivermos bons professores, teremos bons alunos e uma boa educação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Helenise Sangoi. **Formar melhores professores: Um desafio para as universidades brasileiras.** In: FREITAS, Deisi Sangoi; GIORDANI, Estelas Maris; CÔRREA, Guilherme Carlos (Orgs.). *Ações Educativas e Estágios Curriculares Supervisionados.* Santa Maria. Ed. da UFSM, 2007.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 156 p.

CALLAI, Helena Copetti. **Educação geográfica: ensinar e aprender geografia.** In: MUNHOZ, Gislaine; CASTELLAR, Sonia (Orgs.). *Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos.* São Paulo: Xamã, 2012.

CASSAB, Clarice. Geografia. **Ensino & Pesquisa.** Santa Maria, v. 13 n. 1, p. 43-50, 2009

CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia escolar, formação e práticas docentes: percursos trilhados.** In: MUNHOZ, Gislaine; CASTELLAR, Sonia (Orgs.). *Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos.* São Paulo: Xamã, 2012.

FERREIRA, Cristina Torres da Silva. **A formação de professores no curso presencial de Pedagogia do PARFOR/PROFEBPAR - UFMA em Grajaú-MA.** Recife: UNICAP, 2012.

HUBLER, Lizete Camara; FERRONATO, Georgete. **Políticas de formação docente nas últimas décadas: reflexos no ensino da geografia.** Colóquio Internacional de Educação, Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2014.

KAERCHER, Nestor André. **O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia.** In: PONTUSCHKA, Nibia; OLIVEIRA, Ariovaldo (Orgs.). *Geografia em perspectiva.* São Paulo: Contexto, 2002.

LIMA, Alex de Araújo, et al. **O ensino de geografia: estratégias didático-pedagógicas que propiciam uma formação cidadã.** In: XIII JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. Recife: UFRPE, 2013

MARTINS, Rosa Elizabete Militiz Wypczynski. **A trajetória da Geografia e o seu ensino no século XXI.** In: Ivaine Maria Tonini; Ligia Beatriz Goulart; Antonio Carlos Castrogiovani; Nestor André Kaercher. (Org.). *O Ensino de Geografia e suas Composições Curriculares.* 1ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, v.1, p. 61-75.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da Rocha. **O ensino de Geografia no Brasil: As prescrições oficiais em tempos neoliberais.** ContraPontos, UFPA, Belém, 2010.

SILVA, José Luiz Barcellos da. **Quais saberes constituem um bom professor de Geografia?.** In: Ivaine Maria Tonini; Ligia Beatriz Goulart; Antonio Carlos Castrogiovani; Nestor André Kaercher. (Org.). *O Ensino de Geografia e suas Composições Curriculares.* 1ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, v.1, p. 61-75.

SOUZA, José Gilberto de; KATUTA, Angelo Massumi. **Geografia e conhecimentos cartográficos**: a cartografia no movimento de renovação da Geografia brasileira e a importância do uso de mapas. 1. Ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TONINI, Ivaine Maria. *et al.* **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

TÔRRES, Antônia Márcia Sousa. **Os impactos do Programa de Qualificação Docente – PQD/UEMA na formação de professores no Maranhão**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Currículo**: a atividade humana como princípio educativo. São Paulo: Libertad, 2009.

VESENTINI, José Willian. **A formação do professor de geografia**: algumas reflexões. In: PONTUSCHKA, Nibia; OLIVEIRA, Ariovaldo (Orgs.). *Geografia em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2002.

VIEIRA, Noemia R. **As relações entre o conhecimento científico e a realidade imediata do aluno no ensino de Geografia**. Marília: UNESP, 2000.